

SISTEMA LITERÁRIO E CAMPO DE PRODUÇÃO CULTURAL: OS ENTORNOS DE CANDIDO E BOURDIEU

Wander Nunes Frota¹

RESUMO: O objetivo do presente trabalho é tecer comparações entre o “sistema literário”, de A. Candido, e o “campo literário”, de P. Bourdieu, no que diz respeito ao surgimento de ambos os conceitos nos contextos historiográficos das literaturas brasileira e francesa. Ambas as contribuições conceituais, portanto, guardam ensinamentos internos e externos para uma compreensão de como a História e a Literatura se aproximam e se tocam: em Candido, o “sistema” relaciona-se ao contexto estritamente histórico da segunda metade do século XVIII como um dos “momentos decisivos” na *Formação da Literatura Brasileira*; em Bourdieu, o “campo” é exposto e ganha sua autonomização na metade do século XIX, segundo *As regras da arte*. As conclusões deixam claro que apesar de os conceitos se irmanarem, as realidades francesa e brasileira sempre foram (e ainda são) irremediavelmente dissimilares e, por não operarem na mesma faixa, mesmo as suas mais visíveis semelhanças não podem ser totalmente levadas em conta.

Palavras-chave: Sistema literário de Candido. Campo literário de Bourdieu. Comparações.

ABSTRACT: The objective of this paper is to weave comparisons between A. Candido’s “literary system” and P. Bourdieu’s “literary field”, as far as the appearance of both concepts in the historiographic contexts of Brazilian and French literatures. Both conceptual contributions, however, retain internal and external lessons to an understanding of History and Literature coming together and touching each other: in Candido, the “system” relates to the strictly historical context of the second half of the 18th century as one of the “decisive moments” in the *Formação da Literatura Brasileira*; in Bourdieu, the “field” is exposed and gains its autonomy by the mid-19th century, according to *The Rules of Art*. The conclusions leave no doubt as to the brotherhood of both concepts, but, of course, the French and Brazilian realities always were (and still are) irremediably dissimilar, and, because they do not operate the same wavelength, even their more visible similarities cannot be taken into full consideration.

Keywords: Candido’s literary system. Bourdieu’s Literary field. Comparisons.

¹ Professor Associado 2 na Universidade Federal do Piauí (UFPI), lotado na Coordenação de Letras Estrangeiras (CLE), Ph.D. em Literatura Brasileira pela University of Minnesota – Twin Cities (Estados Unidos), em 2000.

MOTE

Na coletânea organizada por Jorge Ruedas de la Serna (2003), a mais recente *Festschrift* a Antonio Candido, o ensaio de Marisa Lajolo alude a *Les Règles de l'art*, publicado na França em 1992, como a obra em que Pierre Bourdieu “formalizou o conceito de ‘campo literário’” (LAJOLO, 2003 p. 74, nota n. 4). Lajolo refere-se à semelhança entre o conceito de “sistema literário” do homenageado e o de “campo literário” do sociólogo francês, afirmando que, entre ambos, “pode ser promissora uma comparação” (LAJOLO, 2003, p. 74, nota n. 4). Realmente, foi nessa obra que Bourdieu desenvolveu mais a contento o conceito de “campo literário”, mas a criação, *per se*, de tal conceito veio de bem antes, podendo ser traçada da metade dos anos 1960 em diante, notando que há importantes antecedentes não somente em relação a esse, mas também a outros conceitos utilizados por Bourdieu ao lidar com Literatura. Conforme explica Loïc Wacquant (s.d., s.p.), o conceito de “*habitus*” remonta inicialmente a Aristóteles, passando pelos escolásticos medievais e chegando aos filósofos modernos dos séculos XVIII, XIX e XX.

A constante ascendente da Sociologia da Literatura de Bourdieu tem o conceito de “campo” como fundamental, como também os de “*habitus*”, “capital simbólico”, “capital cultural”, “instância de consagração”, “agente”, “homologia”, “autonomização” etc. Não obstante, é bom lembrar que nem sempre tais conceitos tenham sido efetivamente criados por Bourdieu, mas sim por ele desenvolvidos a partir de suas leituras de Max Weber, Marcel Mauss, Maurice Merleau-Ponty, Edmund Husserl *et al.* Em verdade, o primeiro conceito que lhe ocorreu não foi especificamente o de “campo literário”, mas sim o de “campo”. Desse modo é que, no cômputo geral, a “teoria dos campos” de Bourdieu chegou a “uma forma de transparência que permite perceber homologias entre universos diferentes” (PINTO, 2000, p. 66), tais como o artístico, o cultural, o político, o econômico, o científico etc.

Portanto, Johnson (2003, p. 1-6) destaca que a ideia de “campo” surgiu quando os interesses de Bourdieu resvalaram para a produção, a reprodução, a difusão e o consumo de bens culturais, após um breve, mas intenso mergulho no estruturalismo “de carteirinha”, dissipado parcialmente com a publicação, em 1966, do importante ensaio “Campo intelectual e projeto criador” no dossiê “Problemas do Estruturalismo” da revista *Les Temps modernes*, do filósofo Jean-Paul Sartre. Em 1968, esse mesmo trabalho seria o primeiro de Bourdieu a ser publicado em português brasileiro. No entanto, o título do dossiê traduzido do francês parece ter

prejudicado a recepção local da obra, pois, na época, o estruturalismo tinha a força de “palavra de ordem” nos círculos intelectuais das universidades brasileiras; enquanto isso, na Europa, o estruturalismo mais puro já dava sinal de cansaço.

Louis Pinto (2001, p. 68) anota que “a teoria dos campos teve suas primeiras formulações nos domínios literários e artísticos”, e é daí que se pode afirmar que o elo fundador do conceito de “campo” foi tanto a Literatura francesa de cunho realista na segunda metade do século XIX, como também a pintura impressionista de Édouard Manet (1832-1883), Claude Monet (1840-1926) *et al.* Bourdieu vinha cortejando a Literatura realista como paradigma desde antes de 1986, quando proferiu uma série de palestras na universidade estadunidense de Princeton, na qual a ideia de “campo literário” teria sido exposta publicamente pela primeira vez. Portanto, na obra de Bourdieu não há como verificar com exatidão o nascimento do conceito de “campo literário”, a menos que se pense que o burburinho realista – no qual Gustave Flaubert (1821-1880) se coloca com seus romances *Madame Bovary* (1857) e, sobretudo, *L’Education sentimentale* (1869) – tenha feito com que Bourdieu acabasse urdindo uma contribuição altamente decisiva dentro da matriz sócio-histórica na crítica e na historiografia literária francesa.

Ao desenvolver para o caso francês o conceito de “campo literário”, fica claro que Bourdieu não teve qualquer intenção de, por exemplo, “sequestrar” da história da Literatura francesa as importantíssimas manifestações literárias anteriores ao realismo de Flaubert; evidentemente, essas por certo permaneceram como conquistas artísticas da França e tesouros do espírito humano ocidental. Detratando Bourdieu, uns tantos já afirmaram que sua mirada sociológica é mecanicista, excludente, determinista etc. Aliás, por cada uma dessas razões, não valeria a pena comparar seu conceito de “campo literário” ao de “sistema literário”, de Candido. Sem embargo, traços há que os irmane, pois, para começar, embora obviamente separados nas coordenadas de tempo e de espaço cada um à sua vez, e mesmo tendo sido mais ou menos contemporâneos, Candido é sociólogo de formação e Bourdieu é em Filosofia. Mas não atropelemos os fatos; vamos por partes.

Dez anos antes da referida nota na qual Lajolo alude *en passant* a uma comparação entre os dois conceitos, tenho buscado construir uma mísera ponte que seja entre a mecânica humanista na matriz da crítica sócio-histórica de Candido (que

a rigor se inicia, a meu ver, com a publicação de *Literatura e sociedade*, em 1965, embora existam outras datas também possíveis) e o humanismo “mecanicista”, “excludente” e “determinista” (se os termos soam paradoxais, que sejam) da Sociologia da Literatura de Bourdieu. Nesse sentido, a nota de Lajolo veio bem a calhar como mote ao que se segue no presente trabalho, como pequena introdução ao tema. Se é preciso partir de um ponto específico, julgo ter o direito aqui de revelar ser fã incondicional do objeto geral que escolheu a Candido e a Bourdieu em determinado momento de suas respectivas carreiras. Um, Candido, partiu da sociologia acadêmica para a crítica literária dos rodapés de jornais, e daí reentrou na academia, até chegar à cátedra de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo (USP); o francês, filósofo de formação, enveredou sociologia adentro com a rara coragem de a ela, ao final, poder se referir como “um esporte de combate”.² A isso tudo, conseguido a duras penas e à custa de muita ousadia por parte de ambos os estudiosos, dou o nome de “profissão de fé”; trata-se de algo que, tudo indica, os escolheu – e não eles a ela.

Assim, não se sabe por que motivos sofreram oposição às suas ideias; ou melhor, sabe-se, sim. O que levou Haroldo de Campos (1989), por exemplo, a contestar tão veementemente o modelo de “sistema literário” de Candido em *Formação da Literatura Brasileira* (2006, doravante “*FLB*”)? Teria Haroldo se magoado com seu ex-orientador de doutorado na USP por ter sido preterido à vaga que se abria nessa universidade com a aposentadoria de Candido? Que o próprio Candido não tenha até hoje escrito uma única palavra sobre o assunto “sequestro”, soa óbvio que tal assunto pode ser facilmente explicado e justificado com motivos bem semelhantes aos que Bourdieu utilizava quando, com seu espírito combativo de sempre, se dirigia aos seus detratores informando-os de que sua Sociologia da Literatura apenas reclamava seu espaço para contar uma versão dos fatos; caso um cidadão a julgue insustentável, que seja educado e que escreva sua própria, demonstrando a todos sua suposta superioridade – mas sem ressentimentos e parcialidade. Morto em 2003, Haroldo teve sua chance de demonstrar por a + b com a referida obra que, na *FLB*, Candido pecou, sim, mas, ao que desde sempre me pareceu, por não ter utilizado algumas fontes primárias disponíveis alguns anos depois que a *FLB* veio a lume. A despeito de seus inúmeros e belíssimos acertos como

² Refiro-me aqui a um documentário em longa-metragem (ver: PIERRE, 2007), cujo subtítulo é “La Sociologie est en sport de combat”.

poeta concretista, com sua alegação de “sequestro do barroco” por parte de Candido, Haroldo terá se envenenado ao levemente “morder sua própria cauda”.

GLOSA

Após o mote, penso que um paralelo entre as realidades sociais das Literaturas francesa e brasileira pode tomar corpo no presente trabalho, já que a realidade sociocultural e histórica encontrada por Candido quando da publicação da *FLB* em 1959 era bem diversa da de Bourdieu na França, quando começou a desenvolver a ideia de campo. Sem muita pretensão de ser a história de nossa Literatura *per se*, a *FLB* fez com que se percebesse o fenômeno literário no Brasil diversamente do que se vinha assistindo desde os anos 1930, com a crítica literária de feição mais estético-estilística – nos moldes do close *reading* (explicação de textos) de um Afrânio Coutinho, por exemplo. Houve, é claro, sinais filosóficos e sociológicos a instigar Candido na composição de seu painel de “momentos decisivos”, afinal, já em 1945, ele havia obtido sua livre-docência em Literatura Brasileira na FFLCH-USP com a tese “O método crítico de Silvio Romero”, posteriormente publicada como livro. Nada havia até aí que, anos depois, sequer o aproximasse à trajetória da Sociologia da Literatura de Bourdieu – a não ser a mirada sócio-histórica de ambos em relação à Literatura.

Se, como já explicamos, tal mirada coincidiu, em Candido, com a publicação de seu *Literatura e sociedade* (ou mesmo que tenha sido anterior a essa obra), e em Bourdieu, com seu ensaio “Campo intelectual e projeto criador” publicado no dossiê da revista de Sartre, não se podia ter noção disso à época. Tais ideias teriam, então, um nítido sabor anacrônico – caso observadas em um espelho de lá para cá, já que não se tem notícia de que, na época, nem Candido tenha tomado conhecimento do ensaio de Bourdieu, e nem tampouco Bourdieu, que sequer lia em português. No entanto, é bem possível que Candido possa ter tido contato com o dossiê da revista de Sartre, porque a época é a mesma de seu retorno ao Brasil. Certo mesmo é que Candido menciona *en passant* em *Literatura e sociedade* (em um dos três ensaios então inéditos; no primeiro deles para ser mais preciso) uma das principais referências de Bourdieu em “Campo intelectual e projeto criador”: Levin Ludwig Schücking e o seu *Die Soziologie der literarischen Geschmacks-Bildung* (“Sociologia da formação do gosto literário”), de 1931. Candido o faz de maneira meio desatenta, inclusive ao errar o nome de batismo do crítico alemão, e ao afirmar

que “apesar do renome, [a obra] não passa de uma indicação das pesquisas a serem feitas neste sentido” (CANDIDO, 1967, p. 11). Ora, tais pesquisas, para Candido, podiam não representar muita coisa nos anos 1960; hoje, porém, elas continuam sendo um dos suprassumos da Sociologia da Literatura de Bourdieu – e já o eram, dos anos 1960 em diante. A propósito disso, para perceber Schücking (1950 e 1966) como um dos pontos de partida de Bourdieu, é imperdoável em Speller (2011) a omissão de Schücking como fonte de Bourdieu, ou seja, como seu precursor histórico.

Em verdade, nessa aproximação entre “campo” e “sistema” literário, o único pormenor que a *FLB* de Candido não logrou reverberar de todo foi obviamente a vida do “mercado de bens simbólicos” – que não poderia existir no Brasil do último quartel do século XVIII, quando Portugal proibia a publicação de livros em sua vasta colônia americana (foram 308 anos de proibição) – por trás dos “objetos” culturais e de seus criadores, mercado esse que funciona como peça-chave na Sociologia da Literatura de Bourdieu, plasmado na metade do século XIX na França. No entanto, foi por um triz que Candido não conseguiu repeti-lo. Se isso não aconteceu *de facto*, foi porque lá já estava quase tudo mais da teoria do sociólogo francês, inclusive a relação de mão-dupla entre o “capital cultural” dos escritores e o público leitor, que, em Candido, traduzir-se-ia por uma das bases do tripé do “sistema literário”, qual seja, a capacidade técnica de os autores escreverem textos literários aliada a uma efetiva leitura destes últimos por parte de um determinado público. Convenhamos que, na Vila Rica do século XVIII, isso era mesmo bastante incipiente; no mais, porque a circulação de ideias se dava mais oralmente do que por escrito.

Conforme lembra Lajolo (2003), não havia ainda a produção sistemática de livros na então colônia portuguesa – o que oficialmente só se foi iniciar, como se sabe, após a chegada ao Brasil da família real portuguesa tangida até aqui pelo furacão napoleônico que varreu a Europa. O efetivo de leitores era bastante reduzido, completa Hallewell (2005). A bem da verdade, o número de leitores é ainda hoje muito pequeno, estatisticamente falando, mas naquela ocasião era bem mais cruel, fruto da colonização portuguesa, que foi um tanto quanto diferente do que ocorreu na América colonizada pela Espanha. Certamente, esse esquema divisional se constitui no maior entrave para se perceber o “sistema literário” da *FLB* desenhado pelo arranjo literário do arcadismo mineiro, e como sequer semelhante ao “campo literário” francês de Bourdieu, que só surgiu, segundo ele mesmo informa, na metade do século XIX, equivalendo ao período de transição entre o

romantismo e o realismo, conhecido como “Le Second Empire” (MASSON, 1990, p. 379-388), dominado pela produção literária de G. Flaubert, na prosa, e de Ch. Baudelaire, na poesia.

GLOSA AO QUADRADO

Se é fato afirmar que, quando da publicação de *FLB*, Candido logrou uma fórmula decisiva para que se pudesse questionar, a partir daquele momento, o cânone literário brasileiro que vinha sendo formalizado mais ou menos desde os anos 1930 pela crítica de feição estético-estilística, ele assim o fez com convicção e acredita-se que poderia ter tido ainda mais além, sequestrando também o arcadismo. Por que não o fez? Até pela importância da Inconfidência como predecessor histórico da Independência, da riqueza literária de seus personagens, da qualidade de sua Literatura neoclássica já plena de “cor local”, meio inconsciente. Tal tarefa não teria sido fácil para Candido; teria exigido, no mínimo, que o Brasil não tivesse sido mera colônia portuguesa por mais de trezentos anos até o fim do chamado Ciclo do Ouro (quando supostamente foi triplicada a quantidade de ouro existente no mundo) e pouco além disso. No final dos anos 1950, quando a *FLB* foi lançada, Candido simplesmente não pôde sequer enxergar uma única razão para se desfazer da promessa dos inconfidentes em torno de uma possível independência do Brasil já no final do século XVIII – o que colocaria o Brasil como o primeiro país sul-americano a se tornar independente, e não como um dos últimos a conseguir tal feito. Historicamente, por certo, houve revoltas anteriores à Inconfidência que chegaram a desafiar o jugo português; o que, no entanto, as diferencia em relação à Inconfidência Mineira é a representatividade do evento em termos sul-americanos e, para a *FLB* de Candido, o fato de haver ali escritores envolvidos diretamente na luta de libertação contra a então “metrópole”.

Àquela altura, os impedimentos, junto com essa delimitação histórica forçada pelas circunstâncias de momento, faziam com que Candido se contentasse com o mais básico que sua formação sociológica pudesse impor naquele momento. Não obstante tais contingências históricas que se abateram sobre seu fazer sociológico, ele não recuou em seus princípios. Ao contrário, Candido partiu francamente para a luta e logrou sua merecida síntese crítico-histórica, sequestrando o período literário mais alheio e distante – o barroco – de suas convicções sócio-históricas calcadas no conceito de “sistema literário” de sua *FLB*. É

tal síntese que se torna hoje indispensável para se pensar sócio-historicamente a possibilidade de uma “História brasileira da Literatura”.

Com algumas alterações na aplicação espaço-temporal de seu conceito de “sistema literário”, Candido poderia também ter deixado de fora do escopo de sua *FLB* (e aqui uma novidade do presente trabalho) pelo menos uma parte considerável do nosso romantismo – que seria algo, aliás, bem semelhante ao que, trinta e poucos anos mais tarde, faria Bourdieu ao “sequestrar” o romantismo francês após informações colhidas junto aos historiadores e aos críticos de Arte e de Literatura, tanto dos mais antigos como dos mais coetâneos. Cabe lembrar também que Bourdieu o fez sem esquecer de caracterizar o romantismo e todas as escolas literárias anteriores como manifestações de grande importância para a história da evolução espiritual do homem francês e europeu e suas tradições. Em Candido, é claro que, além das razões expostas sobre a Inconfidência como movimentação eminentemente política de escritores nas Minas Gerais (como já me referi acima), ele teria comprado uma briga muito maior quando lançou sua *FLB*, caso tivesse produzido algo como Bourdieu o fez. Infelizmente, Candido não ousaria tanto.

Excetuando-se, também, o relativo sucesso do lado histórico e sociopolítico da poesia e da prosa românticas, mais comprometido e lido do que o dos inconfidentes, Candido não pôde sequestrar o romantismo da *FLB*. Como no final dos anos 1950, a poesia e a prosa românticas ainda hoje são didaticamente importantes por repercutirem algumas de nossas mais caras tradições (ainda hoje quase todas em pleno vigor) e, não por acaso, por quase coincidirem com nossa independência política de Portugal. Infelizmente, todos sabemos que essa independência política também coincidiu com nossa conseqüente dependência econômica do Reino Unido da Grã-Bretanha – isso a partir dali até mais ou menos o início do período republicano e mesmo além dele, com a entrada dos Estados Unidos na história.

Dessa forma, caso Candido tivesse também sequestrado o romantismo como “momento decisivo”, a *FLB* não seria, enfim, o monumento que é de nossa crítica sócio-histórica – mesmo com e apesar de todo o sócio-historicismo que Candido pudesse arregimentar a seu favor. Aliás, o subtítulo, “momentos decisivos”, sem exagero, constitui-se na contribuição de Candido para compreender-se o país nos últimos duzentos e tantos anos. Está quase tudo ali, pois, se para a Europa mais ocidental o romantismo não representa mais do que um dos vários episódios de sua

longa história literária e artística, para nós, latino-americanos, ele foi “O” episódio que mais marcou nossa história até hoje, quer se queira quer não. Daí porque outros críticos latino-americanos, como Ángel Rama (1926-1983) e Raúl Antelo, por exemplo, terem-se deixado seduzir tanto pelas ideias de Candido, a ponto de afirmar não mais poderem tratar de Literatura hispano-americana sem ter em mente o conceito de “sistema literário” conforme exposto na *FLB* (ver: ANTELO, 2001).

Já lá se vão uns sessenta anos de publicação da *FLB* e relativamente poucos entre nossos críticos literários lhe seguiram os passos a partir dali – excetuando aí seus fiéis discípulos, é claro. Comenta-se bastante sobre a crítica realizada pelo grupo concretista dos irmãos Campos (o Haroldo, já mencionado, e Augusto), Décio Pignatari *et al.* com suas “re-visões” críticas, mas, na verdade, não há termos de comparação disso com a obra multifacetada de Candido, apesar da flagrante contemporaneidade de ambos nos últimos 50 ou 60 anos. Qualquer comentário que se possa fazer sobre isso, terá que passar pelo inexorável crivo do tempo. Motta (2002) fez uma tentativa de opor, por exemplo, o conteúdo crítico da revista *Clima* do grupo de Candido ao da revista *Noigandres* do grupo concretista. Ao contrário do que afirma Motta (2002, p. 47) acerca das “duas formações”, ou seja, os dois grupos, nota-se que ambas as publicações não são coetâneas e que há, de fato, uma distância temporal bastante significativa entre elas, suficiente para lhes dar mesmo um sabor geracional antípoda – isto se se contar desde o lançamento da *FLB*. Não é exatamente por aí que esta antinomia entre os grupos das revistas *Clima* e *Noigandres* funcionaria. Convém, por fim, assinalar que não há termo de comparação entre a obra crítica de Candido (e de seu grupo) àquela dos concretistas; obviamente ambas têm enormes méritos, mas certamente não está nos concretistas a oposição mais perfeita ao *poésis* crítico e historiográfico de Candido.

GLOSA AO CUBO

Quando sociólogos se aventuram no terreno nem sempre muito plano dos estudos literários, a mirada resultante pode parecer um tanto quanto árida com ambos os objetos de estudo, sociológico e o literário – haja vista a incompreensão rondando os trabalhos de Bourdieu sobre Literatura, nem tanto por causa de “sequestros”, mas sem aquela anestesia necessária para quem está acostumado cenários mais floridos da crítica literária estético-estilística. Dessa forma, quando um discípulo direto de Bourdieu, como Sergio Miceli, estuda nos moldes da sociologia

da cultura a atividade intelectual no Brasil, e descobre que só pode fazê-lo a partir de determinada época, nota-se por tabela que a semente da matriz historiográfica e crítica de Candido começa a dar frutos. Para se conhecer a atividade intelectual no Brasil, é necessário sequestrar muitos fatos do que normalmente se imagina como sua história intelectual, mas que, por isso mesmo, não deixam de ser parte da evolução histórica como de mentalidade intelectual periférica.

Isso acontece porque a base sócio-histórica que dá sustentação ao “campo de produção cultural da Literatura Brasileira” só estará firme quando a estrutura óssea de um “mercado de bens simbólicos” mostrar sua cara de maneira mais clara. Não é que se tenha que fazer isso de propósito, para desacreditar os estudos já publicados sobre o assunto e apresentá-los como análises ultrapassadas, mas sim para poder gabar seus objetos sem acintes à inteligência alheia, e rebatizá-los como candidatos a “manifestações literárias” do cânone. Para existir *de facto*, o cânone de nossa literatura independe de estudos sócio-históricos para continuar abrindo sua trilha – tanto que Candido (1967), ao lado de ensaios expondo sua face de sociólogo da Literatura, analisa muitos autores brasileiros da época colonial e os cita sempre como “manifestações literárias”, tanto agrupando-os como colocando-os em separado; assim ele procede sempre até mesmo com autores estrangeiros analisados nessa sua obra de 1965.

Por causa disso é que Miceli parte de um estudo sociológico sobre os escritores agrupados sob a classificação de “anatolianos” (MICELI, 2001, p. 13-68) e, logo após, emenda com um outro sobre os intelectuais modernistas, autores mais conhecidos da chamada “Geração de 30”, os chamados “regionalistas”, e também sobre autores menos conhecidos que se colocaram cronologicamente fora da Geração de 30 (MICELI, 2001, p. 69-291). Os anatolianos citados, segundo ele, correspondem indistintamente ao que se conhece como parnasianos da *Belle Époque* carioca e pré-modernistas, quase todos hoje meio esquecidos por causa da maior atenção dada hoje aos modernistas de 1922. No segundo livro citado, o padrão histórico-biográfico dos autores modernistas e dos da “Geração de 45” é que quase todos vieram de famílias cujo apogeu já havia acabado quando de seus sucessos literários e foram quase todos também cooptados pelo Estado. Digno de nota também é o fato de que essa obra de Miceli (1979) foi prefaciada por Candido. Isso prova que pelo menos um elo existe entre as gerações de Miceli, de Candido e de Bourdieu no que concerne a crítica e a historiografia literária sócio-histórica no Brasil. Igualmente significativo é o dado de que nossa crítica literária mais recente

esteja sendo escrita mais vigorosamente por autores com formação em Sociologia, História etc – mesmo que suas obras abordem somente as circunstâncias sócio-históricas do fazer literário.

Naquele prefácio de 1979, Candido se reconhece humildemente como crítico de rodapés à moda antiga, que, na época, conviveu com muitos escritores citados por Miceli e que, portanto, não aceita, “às vezes, os dados de suas biografias como verdade manipulável” (MICELI, 2001, p. 73). Todavia, Candido também se rende “à arriscada tendência contemporânea para a desmistificação e às explicações por meio daquilo que está por baixo, escondido da consciência e da observação imediata” (MICELI, 2001, p. 72), e louva “a formação da perspectiva histórica (...) no suceder de uma geração pela outra” na tese de Miceli, que, segundo Candido, é “um estudo inovador” (MICELI, 2001, p. 74). Cabe informar que, nessa obra, Miceli procedeu amiúde conforme os ensinamentos de Bourdieu, já que, nas referências de seu livro, Miceli cita o ensaio “*L’Invention de la vie d’artiste*” (1975), de Bourdieu, publicado na revista do próprio, no qual há um esboço do que seria o “campo de produção cultural” da literatura francesa.

Mas enfim, o que mudaria para melhor com a expressão “campo de produção cultural da Literatura Brasileira”? Já não estava tudo lá durante o período romântico, com certa intensificação quantitativa no país da capacidade de ler via folhetins publicados em periódicos de norte a sul? E o nosso realismo, a partir de 1881, com a definitiva genialidade realista do Bruxo do Cosme Velho? Em tempo, tal bruxo é estudado com rigor por um querido discípulo de Candido, Roberto Schwarz, em duas obras sequenciais – separadas por um hiato editorial de 19 anos (SCHWARZ, 1981 e 2000) – que pretendem de alguma forma continuar a senda aberta pela *FLB* no que concerne apenas a prosa de ficção, exatamente do ponto em que a *FLB* acaba, *i.e.*, o ano de 1880. Já não seriam os nossos romantismo e realismo estruturas intelectuais reconhecíveis como (ou compatíveis com) pelo menos parte de um “campo de produção cultural” nos moldes de Bourdieu? Definitivamente, não para Bourdieu; mas sim para Candido. E por que sim para um e não para o outro?

A verdade é que não se pode ter tudo o que se quer, sobretudo se atualmente a questão de nossa literatura não é mais sua “originalidade” (como era durante o romantismo) – até porque já se sabe que, nos anos 1920, o nosso modernismo, mesmo já tomando o bonde em marcha acelerada, como já dissemos, abriu literalmente o verbo e esse jogo da originalidade transformou-se em pura

covardia com o manifesto conceito oswaldiano de antropofagia, que foi uma espécie de golpe de misericórdia no princípio romântico mais explícito de nossa existência intelectual até aquela data. Provavelmente se tenha agora que tratar do descompasso geral das coisas do espírito em relação à civilização, que ainda se arrasta. Melhor ainda: é chegada a hora de reconhecer que, enquanto por aqui respirávamos ares supostamente neoclássicos, na Europa já apitavam alto as locomotivas a vapor do romantismo e da Revolução Industrial (ver: HAUSER, 1998). A arte da civilização tem seu tempo que é só seu, e esse, obviamente, é diferente e relativo em cada quadrante do planeta.

A tríade realismo-naturalismo-simbolismo também nos chegou com atraso e ganhou características que são só nossas. E assim por diante, como o fato de ter sido colônia parece mesmo ter sido o maior pecado do Brasil: emular, reproduzir localmente e dar saltos etc. Talvez seja necessário assumir isso de uma vez por todas em nossos Estudos Literários essa condição eterna país “em desenvolvimento”. Aliás, tal condição ainda está em jogo quando por aqui se respira o ar da pós-modernidade e uma mundialização cultural e econômica galopante que é mera fachada, porque infelizmente não tem – nem jamais teve – mão dupla.

ARREIMATE

Assim, chega a hora de se entender Literatura brasileira mais sócio-historicamente do que estético-estilisticamente e de se estabelecer a partir daqui um novo marco, tal qual aquela bandeira fincada por Candido com a *FLB* em 1959. Que tal se enxergasse um “processo de autonomização” no “campo de produção cultural” da Literatura Brasileira a partir da primeira década do século passado, com os “anatolianos” de Miceli (2001), ou com o empreendedorismo editorial de Monteiro Lobato em São Paulo, à luz de Azevedo; Camargos; Sachetta (1997) e de Passiani (2003). Pode-se também citar Costa Lima (1981) que, por vias mais ou menos indiretas (inclusive citando Candido em várias ocasiões), foi um dos poucos a notar que Miceli elaborara, naquele seu livro de 1977, as linhas gerais do “campo de produção cultural” da Literatura Brasileira “a partir do pré-modernismo” (COSTA LIMA, 1981, p. 27, nota n. 3). Todavia, se se tem em vista que a Sociologia da Literatura de Bourdieu afirma que, no caso francês, a autonomização do campo de produção cultural se deu a partir da segunda metade do século XIX com a geração realista, naturalista e simbolista, penso ser justo reivindicar, com Randal Johnson

(1995), que o início de tal autonomização no Brasil pode ser consignado no ponto de encontro da Geração de 30 dos autores regionalistas com o florescer da Geração de 45. Ali se cristaliza, de fato, um núcleo de agentes (editores, livreiros, distribuidores etc), de escritores e de público leitor, oferecendo uma salutar revisão do tripé do “sistema literário” de Candido na *FLB*, e uma visada mais nítida do “campo de produção cultural” da Literatura Brasileira.

O impacto das obras supracitadas que têm os estudos literários sociocríticos como pano de fundo ainda está por ser aquilatado de forma mais justa pelo senso comum da crítica e da historiografia da Literatura brasileira. De maneira semelhante, demorou-se a compreender que, de acordo (ou não) com o “sistema literário” de Candido,

Nada mais importante para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la. Mas também, nada mais perigoso, porque um dia vem a reação indispensável e a relega injustamente para a categoria do erro, até que se efetue a operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem desfigurá-la de um lado nem de outro (CANDIDO, 1967, p. 3).

Tudo indica que, no Brasil, a *FLB* de Candido somada às obras de quem quer que por ela tenha sido influenciado representa, de fato, esse tal “ponto de vista objetivo” que todos buscamos no fazer crítico e/ou historiográfico. É, enfim, a consciência desse processo, de fundo marxista (a se perder de vista), que tende a literalmente fazer a diferença, e que, de forma praticamente definitiva, ensina lições inesquecíveis a quem quer que lide com Literatura e tenha como objetivo tornar essa expressão artística cada vez mais criticamente compreendida, tanto do ponto de vista humanístico como do científico e do sócio-histórico, que se tem algo a dizer que não somente de sua estética e do seu estilo intrinsecamente considerados, enfim. A partir da ponte que proponho entre Candido e Bourdieu, que é uma maneira pessoal de entendê-los concomitantemente, tendo um mais ou menos como extensão do outro e vice-versa, uma escolha objetiva terá que ser feita pelos leitores, já que, em tal situação radical, não há meio termo possível ou um muro no qual se possa subir e lá permanecer para sempre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bourdieu não está entre nós desde 2002 e as críticas que lhe fizeram enquanto estava vivo parecem não lhe ter causado qualquer dano; a algumas respondeu na medida em que as recebeu sem deixá-las esfriar, a outras, supostamente mais destrutivas, demoraram um pouco, mas, em geral, quase sempre as respondeu – no mais das vezes, com fina ironia, mas só quando o interlocutor demonstrava merecê-la. Speller (2011), autor da única obra conhecida que trata exclusivamente da parte da obra bourdieusiana sobre Literatura, oferece *insights* que ajudam a compreender as ulteriores intenções do sociólogo francês que utilizava a Literatura como ferramenta de trabalho. Assim, Bourdieu conseguiu enxergar o papel social que a Literatura teve e que ainda tem para os franceses e demais europeus.

Speller (2011), que encerra sua obra com dois capítulos fundamentais para quem deseja conhecer de fato a obra de Bourdieu sobre Literatura, tem a convicção de que Bourdieu movia-se por tais ideias que sempre o levavam à questão social na França. Entre suas preocupações como sociólogo da cultura, Bourdieu plasmou a ideia de que o uso social da Literatura pelo Estado podia fazer, como de fato fazia, mover as engrenagens desse último como em uma máquina – tanto para o bem como para o mal. Todas as explicações e justificativas oferecidas por Bourdieu sobre como e por que estudar Literatura sendo sociólogo, orbitam em torno da questão social que inclui a leitura como parte essencial e inextricável da cidadania francesa. Assim, o Estado não pode querer educar a contento a uma população se essa mesma não sabe ou não quer interpretar o mundo em sua volta porque não sabe ou não quer ler por desconhecer parcial ou totalmente os benefícios que a cidadania pode trazer aos que têm o saudável hábito da leitura.

No final da década de 1950, a lição que Candido nos legou com a *FLB* foi a sensação de conquista definitiva de se poder associar aspectos sócio-históricos à literatura de um país relativamente jovem como o nosso, ainda mais abusando de um estilo elegante, com princípios e critérios humanistas. Candido seria uma reencarnação bem melhorada de Silvio Romero, autor da *História da Literatura Brasileira* (1888), já sem aquele cientificismo positivista que, para Romero, naquela altura, jogava a favor de uma pretenciosa sistematização de nossa história literária. Mesmo assim, com sua *FLB*, Candido mostrou que aprendeu bastante com os equívocos de Romero, e aí superou seu mestre sergipano ao nos reaproximar da

possibilidade de tornar científica a trajetória de nossa Literatura, que, antes dele, se arrastava em esquemas didáticos da periodologia e de crítica estético-estilística. Mesmo que Candido o tenha logrado no final da década de 1950, pode-se afirmar que, na época, já não seria sem tempo que outros conseguissem sintetizar aqueles dois “momentos decisivos” nos quais as elites intelectual e política tinham como líquido e certo algo como o “direito” de se perpetuarem como tal. Portanto, não nos enganemos mais: rigorosamente falando, a Literatura no Brasil desde sempre, mas sobretudo do final do século XVIII até o presente, foi privilégio relegado a poucos letrados em proporções mínimas.

Em um país como a França de Bourdieu, vejam só, ainda é preciso, de tempos em tempos, lembrar à população em geral que é importante manter as grandes conquistas da cidadania francesa, e utilizá-las como propaganda da grandeza do país. É como se os franceses de hoje precisassem ser lembrados do que lhes custou tais conquistas para ser eternamente possível mantê-las e aperfeiçoá-las, e assim fazê-las cada vez maiores e melhores. É isso que nos ensina Bourdieu (*apud* SPELLER, 2011). Se se pudesse comparar o que Candido afirma sobre a crítica e a historiografia literária quando se refere à intenção que os estudos sócio-históricos devem ter com o que Bourdieu mostrou ser possível com suas elucubrações, dar-se-ia que a finalidade prática do estudo de ambos é provar pontos importantes que servirão para melhorar a vida das pessoas, como nas pesquisas em Ciências “duras”. Candido e Bourdieu levam adiante tais expectativas.

Além de ensaiar as distinções entre o “sistema literário” e o “campo literário”, o que aqui apresentei, enfim, foram tentativas de suprir pontes para que se aproximem os conceitos de ambos na análise crítica e sócio-histórica de obras literárias brasileiras. Como estudado por Speller (2011), Bourdieu chama para a ação, o ataque e a defesa; já Candido oferece bases sócio-históricas nas quais se pode confiar para analisar nossa Literatura. No meu entender, os dois juntos em uma análise literária seriam responsáveis por um balanço entre a elegância e a contundência de argumentos de qualidade ímpar.

REFERÊNCIAS

ANTELO, Raúl (Org.). **Antonio Candido y los estudios latino-americanos**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana; Universidad de Pittsburgh, 2001.

AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Márcia; SACHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**. Ed. compacta. São Paulo: SENAC, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. 1. Reimp. Trad.: M. L. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, Jean *et al.* (Orgs.). **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 105-145.

_____. **The Field of Cultural Production: Essays on Art and Literature**. Nova York: Columbia University Press, 1993.

CAMPOS, Haroldo de. **O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos**. 2. ed. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880**. 10. ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. (Ensaio, 3).

COSTA LIMA, Luiz. Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil. In: _____. **Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 3-29.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. Trad.: M. da P. Villalobos; L. L. de Oliveira; G. G. de Souza. 2. ed. rev., ampl. São Paulo: EdUSP, 2005.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. Trad.: Á. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAJOLO, Marisa. A leitura na Formação da Literatura Brasileira de Antonio Candido. In: RUEDAS DE LA SERNA, Jorge (Org.). **História e Literatura: homenagem a Antonio Candido**. Campinas: EdUNICAMP; São Paulo: Fundação Memorial da América Latina; IOSP, 2003.

JOHNSON, Randal. A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945). **Revista USP**, São Paulo, n. 26, jun./ago. 1995, p. 164-181.

_____. Editor's Introduction. In: BOURDIEU, Pierre. **The Field of Cultural Production: Essays on Art and Literature**. Nova York: Columbia University Press, 1993. p. 1-25.

MASSON, Nicole. **Panorama de la Littérature Française : Les Courants, les auteurs, les oeuvres, du Moyen Age au XXe siècle**. Alleur: Marabout, 1990.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOTTA, Lêda Tenório da. **Sobre a crítica literária no último meio século**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

PASSIANI, Enio. **Na trilha do Jeca**: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil. Bauru: EdUSC, 2003.

PIERRE Bourdieu : La Sociologie est un sport de combat. Dir. : P. Carles. Prod. : A. Gonzalez; V. Frègosi. Mont. : V. Charifi; Y. Charifi, C. Painchault; B. Sasia. Int. : P. Bourdieu *et al.* Montpellier : C-P Productions; VF Films, 2007. 1 DVD (150 min.), color.

PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

SCHÜCKING, Levin Ludwig. **El gusto literario**. Tradução: M.F. Alatorre. México: Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1950. (Breviários del FCE, 24).

_____. **The Sociology of Literary Taste**. Trad.: B. Battershaw. Chicago: University of Chicago Press, 1966.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

_____. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2000. (Espírito Crítico, 4).

SPELLER, John R.W. **Bourdieu and Literature**. Cambridge: Open Book Publishers, 2011.

WACQUANT, Loïc. **Esclarecer o habitus**. Trad.: J.M. Pinto; V.B. Pereira. Disponível em:
<http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/bourdieu_nocaohabitus.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2015.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

FROTA, Wander Nunes. **Sistema literário e campo de produção cultural: os entornos de candido e bourdieu**. Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura. São Cristóvão: UFS, v. 25, mai./ago., p. 11-28, 2016.

Recebido: 20.04.2016

Aprovado : 15.06.2016

